

# *A Passagem dos Sinais*



*Iza Quelhas*



EDUFF

O que faz um jovem poeta?

Como qualquer artista, sem dúvida, busca desvendar, nomeando-os, os mistérios do mundo. São segredos que se insinuam em volta, flagrantemente evidentes e ainda assim secretos.

Ou então, em mergulhos profundos, vai adiante. Deseja novos mundos e universos. Sabemos que empreende uma aventura perigosa. Poucos se mostram capazes de realizá-la, como imaginavam, no início do percurso. Isto porque a dor principal, que se supunha fora, provém de dentro, de uma região onde só imaginávamos que continuamos a existir em estado de latência, embora, a cada instante, sem querer, voltemos, gastos, atrás de alimento, para as dimensões insondáveis do que guarda.

Ali, há *tudo*, sussurra-nos uma voz.

Iza Quelhas experimenta, leve, com doçura, o seu vôo. Quer levar na ponta dos dedos, pela sensibilidade, as sinuosidades do que encontra. Neste sentido, segue o exemplo dos pássaros, um dos seus objetos de anotação, ou, na sua passagem, os sinais do que fica.

*Só percebe quem respira,  
quem lambe os lábios e  
brinca com as garras da sereia.*

Ronaldo Lima Lins



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Rua Miguel de Frias, 8, anexo, sobreloja - Icaraí - Niterói, RJ - CEP: 24220-000

Tel.: (021) 620-8080, ramais 200 e 353 - Fax: (021) 620-8080, ramal 356

# *A passagem dos sinais*

IZA QUELHAS

*A passagem  
dos sinais*



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Niterói, RJ — Outono de 1996

Copyright © 1996 by Iza Quelhas

Direitos desta edição reservados à EDUFF - Editora da Universidade Federal Fluminense - Rua Miguel de Frias, 9 - anexo - sobreloja - Icaraí - CEP 24200-000 - Niterói, RJ - Brasil - Tel.: (021) 620-8080 ramais 200 e 353 - Fax: (021) 620-8080 ramal 356

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora.

Projeto gráfico e editoração eletrônica: José Luiz Stalleiken Martins

Capa: Marcio André Baptista de Oliveira

Revisão: Sônia Peçanha

Supervisão gráfica: Rosalvo Pereira Rosa

Coordenação editorial: Damião Nascimento

---

### Catálogo-na-fonte

---

- Q3      Quelhas, Iza  
          A passagem dos sinais / Iza Quelhas. — Niterói : EDUFF, 1996.  
          80 p. ; 21 cm.  
          ISBN 85-228-0186-X  
          1. Poesia brasileira. I. Título

CDD 869.1B

---

### UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Reitor

Luiz Pedro Antunes

Vice-Reitor

Fabiano da Costa Carvalho

Diretora da EDUFF

Eliana da Silva e Souza

Comissão Editorial

Anamaria da Costa Cruz

Gilberto Perez Cardoso

Gilda Helena Rocha Batista

Heraldo Silva da Costa Mattos

Ivan Ramalho de Almeida

Luzia de Maria Rodrigues Reis

Maria Guadalupe C. Piragibe da Fonseca

Paulo Azevedo Bezerra

Roberto Kant de Lima

Roberto dos Santos Almeida

Vera Lucia dos Reis

*Carrega-me contigo, Pássaro-Poesia*  
(Hilda Hilst)

# Sumário

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	11
<b>1 O NOSSO OLHAR SOBRE OS BICHOS</b>	
(NOS LIVROS)	
As palavras evocam .....	15
(PEIXES)	
Riscam os peixes as águas .....	16
(AFINIDADES)	
Descobrem-se afinidades quando a hora .....	18
(FARPAS)	
Devolvo-te os punhais, apenas farpas, .....	19
(ABISMOS)	
Nenhuma ciência conhece os abismos, lá dentro, ...	20
(LAPIDAR)	
Este dia de sol lapida o chão, .....	21
(PASSOS)	
Ouço passos, freadas, gritos de metais, .....	22
(SEDE)	
Perdidos estão os boatos no tempo .....	23
<b>2 OS SINAIS DE PASSAGEM</b>	
(OS SINAIS)	
Passam os barcos e ontem foi jamais .....	27
(SAL)	
Pagam-te mês a mês lavares escadas e um escasso chão .....	28
(PALADAR)	
Os peixes precisam morrer para saborearmos o vinho .....	29

(IRMÃ)	Protejo a tua face, irmã, como se .....	30
(HERMES)	Esse rapaz trouxe-te um recado.....	31
(NASCENTE)	O teu vulto é fuga da dor ausente.....	32
(NOTURNO)	À noite, não dormi, meu amor, pensando em ti:.....	34
(fútil)	O teu retrato no jornal respira .....	36
(jÓQUEI)	Tão farta é a tua cabeleira iluminada.....	37
(sutil)	Amordaçados, falaremos de amor com sutileza.....	38
(ASSIMETRIA)	Entre nós e os outros .....	39
(diAGONAL)	São teus os gestos e os anéis.....	40
(PATER)	Viajarei, meu pai, até o pôr do Sol.....	41
(PERIFERIA)	As ruas cortam cidades.....	42
(ROTA)	Antes dos astros moverem-se, qualquer direção, ...	43
(PÁSSAROS)	Foram os pássaros e seus olhos atentos.....	44
(viAGEM)	É o templo onde confesso .....	45
(AVENCA)	O teu corpo é um Deus conquistado .....	46



(Atlas)	
:infância em relevos,.....	47
(colo de plumas)	
Hoje, adormeci adversários.....	48
(SINAIS DE PASSAGEM)	
Antes da era de granizo chegar até nós,.....	49

### **3 OS VESTÍGIOS DE TUDO**

(HÁBITOS)	
Confundo teus passos com o cair das águas. ....	55
(É todo rio um curso)	
É todo rio um curso de sonhos .....	56
(MINUCIOSAS PAISAGENS)	
Cantam as cigarras, em coro, uma música ascendente .....	57
(HORAS)	
A precisão das horas com suas faces divididas,.....	58
(DESATANDO NÓS)	
Já se desfez a tua voz em maresia, .....	59
(ERA UMA OUTRA VEZ)	
No tempo em que os tapetes teciam .....	60
(OS DIAS E SEUS TRABALHOS)	
A mutação dos dias trouxe-me .....	61
(A INSÔNIA E SUAS PARTES)	
A insônia remexe as nossas obscuras partes,.....	62
(PAÍS)	
As palavras ditas por nossos pais .....	63
(QUANDO ONFALE PENSA EM STO. AGOSTINHO)	
De mim mesma fico distraída, .....	64
(CORAIS)	
O porto ancora a noite a caminho do mar.....	65

(sol no domingo)	
A tua boca aberta deixa sair um gemido,.....	66
(visões)	
Atrás da porta corria um feixe de trigo .....	67
(álbum)	
Primos, tias, avós e .....	68
(um quintal traz crianças)	
Um quintal traz crianças em suas folhas verdes, ....	69
(páscoa)	
Os livros dizem algo sobre Estrelas, .....	70
(afagos)	
Eu queria que o meu corpo fosse areia.....	71
(vestígios de tudo)	
Após noites de ressacas .....	72
(gerações)	
Passou um navio imenso diante de olhos atentos. .	73
(teoria)	
— É fácil falar, dizem os que se calam.....	74
(banho)	
O mar passou por essa varanda, há pouco, .....	75
(atualidades)	
Os ministérios derrubam ilustres servos.....	76
(brinde)	
Chegada a hora do acerto,.....	77
(amizades)	
Amizades guardam conchas num leque de sombras,.....	78
(notívagos)	
Na esquina, um sonâmbulo encontra o rumo .....	79

# Apresentação

## AS GARRAS DA SEREIA

Ronaldo Lima Lins\*

O que faz um jovem poeta?

Como qualquer artista, sem dúvida, busca desvendar, nomeando-os, os mistérios do mundo. São segredos que se insinuam em volta, flagrantemente evidentes e ainda assim secretos.

Ou então, em mergulhos profundos, vai adiante. Deseja novos mundos e universos. Sabemos que empreende uma aventura perigosa. Poucos se mostram capazes de realizá-la, como imaginavam, no início do percurso. Isto porque a dor principal, que se supunha fora, provém de dentro, de uma região onde só imaginamos que continuamos a existir em estado de latência, embora, a cada instante, sem querer, voltemos, gastos, atrás de alimento, para as dimensões insondáveis do que guarda. Ali, há *tudo*, sussurra-nos uma voz.

Iza Quelhas experimenta, leve, com doçura, o seu vôo. Quer levar na ponta dos dedos, pela sensibilidade, as sinuosidades do que encontra. Neste sentido, segue o exemplo dos pássaros, um dos seus objetos de anotação, ou, na sua passagem, os sinais do que fica.

*Só percebe quem respira,*

\* Professor Titular de Teoria Literária da Faculdade de Letras da UFRJ; romancista; crítico; autor de *Nossa amiga feroz* (ensaios), publicado pela Rocco, em 1993.

*quem lambe os lábios e  
brinca com as garras da sereia.*

Trata-se de uma referência aos livros. Ao mesmo tempo, trata-se de uma proposta com que se insinua uma opção e uma maneira de ser. A visão da utopia, como vocação principal, paira sobre as sombras, como a vida que se vincula à morte e à consciência da perda.

*assim corre a noite, em sua carruagem de melancolia,  
na penumbra, esgrimistas invisíveis nos afastam.*

Não se creia, porém, que haja, no caso, um vôo cego. A poética se realiza entre o sonho e a realidade, num espaço intermediário, mas justamente onde se tropeça na lucidez (“só enganam os adivinhos os próprios pensamentos”, diz ela). Por semelhante via, aspira-se à totalidade, não obstante a grandiloquência da ambição. E por que não?

*lá, entre esferas e compassos,  
floresce a vida com sua flor cálida,  
num pântano frio...*

À maneira de um rio em curso (“um rio um curso de sonhos”) o poder da palavra se exerce por um processo de batismo. Naveguemos por ele, convida. Na viagem, ousa nos sacudir do cansaço e dos vocábulos vazios com que nos deixamos sufocar. Há, por conseguinte, diante de nós, do começo ao fim, um desafio implícito. O instrumento de investigação, algo que nos retorna à indagação inicial, desdobra-se, como a realidade, em curvas multifacetadas. As cores e as formas, na paisagem que se presencia, repetem, na passagem pelo pensamento, a vivacidade da observação, como via de mão dupla.

*Ser e dizer, se se juntam, fazem a poesia. Saímos do paradoxo, afirma Georg Lukács, se na arte encontramos a vida. E acrescenta, em outro ponto:*

*(...) o sentido mais profundo das formas é o seguinte:  
conduzir ao grande instante de um grande mutismo, e  
figurar a variedade da vida que aí se precipita como se só  
se apressasse em vista de tais instantes.*

São as “garras da sereia”. Já nos haviam dito.

# 1

## *O nosso olhar sobre os bichos*

## (NOS LIVROS)

*As palavras evocam  
risos, escalas breves,  
gotas d'água em folhas de zinco.*

*só percebe quem respira,  
quem lambe os lábios e  
brinca com as garras da sereia.  
quem não teme ser bicho,  
alimentar vícios,  
por isso os mil desejos  
brevemente tratados aqui*

## ( PEIXES )

*Riscam os peixes as águas  
entre a moldura de suas margens.  
(para os poetas, o passeio noturno dos peixes  
é um sereníssimo raio)*

*peixes passam, soberanos.  
pessoas contemplam.  
tanto faz: indiferença, êxtase ou anzol.  
(águas são ninhos para narcisos)*

*os peixes guardam os azuis,  
dos rios, desconhecem nomes,  
afluentes, sabem porque sentem —  
tudo é quente e frio, alto e baixo, raso e fundo.  
os peixes desenham o novo,  
como se fosse um ovo,  
nas águas descoberto,  
em camadas mutantes,  
onde abrigaram Deus.  
(até hoje ele brilha em prata nas suas escamas lisas)*

*peixes não fogem da chuva,*

*esquívos, passeiam sem culpa,  
entre a luz-de-fora e a cor-do-profundo-dentro: nada.*

*peixes habitam almas,  
quando nossos olhos lembram úmidos abismos.  
os peixes tranqüilos nos vêem.  
nas margens, somamos outonos,  
engolimos iscas,  
vivas, inocentes.  
como peixes.*



## (AFINIDADES)

*Descobrem-se afinidades quando a hora  
— suspensa em litorais errantes —  
é memória, o que ficou da ausência:*

*o nosso olhar sobre os bichos.*

*olhar em beleza dispersa,  
gestos calmos, afagos simples.  
atos mínimos de epidérmicos rituais*

## (FARPAS)

*Devolvo-te os punhais, apenas farpas,  
já não ferem mais.  
reencontro o corpo em que habito,  
algumas manchas de tigre,  
vistas ao acaso,  
dizem do melhor jeito:  
pulsam nas mãos nossos sonhos,  
acordados na tarde espessa.*

*ventania, furacão,  
abismos de seda,  
largadas as mãos  
na periferia dos poros,  
penumbra de nossa pele*

## (ABISMOS)

*Nenhuma ciência conhece os abismos, lá dentro,  
o lugar de deuses e crianças, avencas e pirilampos.  
sol de meio-dia.*

*sublimes sensações as dos começos,  
quando se mastiga a própria voz,  
mas nada sabemos  
sobre a dor  
de estar-só  
sobre um rochedo.*

*caímos no lodo, lá,  
a fera nos espera.  
na frente do recém-nascido,  
nas nódoas de ferrugem,  
no fim das horas,  
na roda do velocípede.  
(— Corre, menina, corre criança.  
— Corre de quê?)*

*do medo que nos impede  
de brincar nas trilhas  
sobre os abismos*

## (LAPIDAR)

*Este dia de sol lapida o chão,  
produz abalos, miragens estremecidas.  
na impossível hora, lança-se a  
luz e sua profecia:*

*vamos ser felizes, outra vez, outra,  
outra tarde, outro dia, outro inverno,  
outroutono que risca de cobre  
o pátio da escola.  
lá, onde corríamos atrás da sombra,  
com a boca acima do riso,  
abaixo dos olhos,  
mastigando invisíveis sementes de romã*

## (PASSOS)

*Ouço passos, freadas, gritos de metais,  
giro um pouco mais o palito entre-os-dentes,  
corto-o aos poucos,  
escultura bucal.*

*mas, voltando ao começo, brilham os teus olhos  
no asfalto, enquanto seguro tuas mãos  
queimadas no néon*

*do anúncio da farmácia, onde compraste  
pasta d'água, colírio,  
band-aid para arranhões de gatos.*

*a terra ardida sob o asfalto abre-se em verdura  
no chão do jardim. mas, agora, apenas passam  
os teus pés  
repletos de sinais*

**(SEDE)**

*Perdidos estão os boatos no tempo.  
são tantas as pedras redondas que se igualam sob o Sol.*

*apenas a Poesia desponta e nega à face  
alento, mas traz um pouco de água  
em sua boca de dentro.  
mata a sede.  
fluides*

# 2

## *Os sinais de passagem*

## (OS SINAIS)

*Passam os barcos e ontem foi jamais  
termos visto esses precoces sinais:*

*deuses, em ferro moldados,  
pousados sobre águas  
com seu lixo, luzes que não apagam.  
(qualquer Césio brinca de fazer dormir  
gente e animais).*

*matizes de púrpura na tarde quente,  
o cheiro, o gemido da garganta oca,  
como quem não vê desígnios na fumaça tanta.*

*na usina, na fábrica, no estaleiro,  
amontoam-se detritos, falta ar  
e a bolha  
com sua palidez de morte nos espreita*



**(SAL)**

*Pagam-te mês a mês lavares escadas e um escasso chão.  
recebes mês a mês as horas roubadas dos livros,  
dos pássaros, dos animais que não podes  
tocar*

*aí, então, finges que voltas para casa,  
encostas a cabeça na madeira,  
ouves os anéis do tempo  
nessa porta que julgas tua*

## (PALADAR)

*Os peixes precisam morrer para saborearmos o vinho.  
assim dizem os manuais de uma boa gastronomia.  
do paladar aguça-se o sentido:  
da morte*

*a água que banhou os nossos corpos  
a terra bebeu-a toda.  
por assim ser, alguma coisa ficou*

## (IRMÃ)

*Protejo a tua face, irmã, como se  
adormecesse cuidados sobre um retrato,  
finjo esquecer-te, quando desapareces e  
à simples menção da tua volta  
o meu zelo recomeça.*

*perco horas escrevendo o trajeto  
dos teus dedos em mercúrio.*

*somos irmãos e por amar-te me inclino,  
tento salvar-te das fúrias,  
mas nada é preciso:  
basta a tua face de carne e luz.  
talvez escamas,  
de um mar secreto que te perfuma*

## (HERMES)

*Esse rapaz trouxe-te um recado  
das pedras que não vias e existem em outras serras.  
palavras, gestos, frutas secas,  
reacesos os lençóis  
o Sol oscila na vidraça.*

*trouxe-te esse rapaz algo e  
não sabias o quanto era a vida longa  
até o rasgo dessa renda que te envolvia*

*O teu vulto é fuga da dor ausente.  
nada sabes, nem de ti, nem das outras gentes.*

*se estremeces, sinos agitam o Universo,  
como um enigma desperto.  
dos livros, imitas autores e seu lado perverso:  
apenas mostras os sonhos de seus medos.*

*o teu vulto é pressentimento do amor apenas,  
pouco sentes além do plural de chamas  
a incendiar os lugares por onde andas.*

*respiras forte se o desejo  
acende uma solidão de cais.  
não viajaste. acordas cedo  
para uma vida entediada:  
nada ousas partir.*

*para tua alma inquieta  
tudo o vento fala,  
numa língua arvezada.  
calas dúvidas quando surge  
um bosque e seus segredos.*

*por onde passas, raízes,  
com suas flores ácidas,  
afagam tua pele  
que ignora espinhos.*

*entras no bosque, hesitas entre caminhos.  
nasce mais um dia dos teus pesadelos de menino.  
(fantasmas e suas vozes, ninhos, enguias e navios encalhados)*

*o teu corpo é brasa, incendeia-se a cripta.  
como um bêbado tropeças no destino.  
encontras o amor e o teu rosto quer afagar  
altas lamparinas. tudo eleva-se em teu rastro.  
o destino é rio, suas águas frias não desfazem o  
fogo dos caminhos: é lava densa, molda teus beijos  
nas pedras. bifurcam-se as nascentes,  
chegaste ao início: tudo é nudez e jorra vida*

## (NOTURNO)

*À noite, não dormi, meu amor, pensando em ti:*

*mutilei o teu corpo em lembranças, até que um  
jabuti desenhou o teu rosto com uma palheta de giz  
na madrugada.*

*teu rosto girava em mim, bússola de seta errante,  
alheia à gravidade.*

*(enquanto isso a Lua trazia as tuas mãos até os meus seios)*

*à noite, Confúcio dizia algo  
e não havia discípulo. Fui à  
China, antes que a fogueira  
do tempo erguesse um muro  
entre nós.*

*senti nos dedos a friagem do ópio e  
vi-te inscrito entre cílios cerrados e crianças felizes.*

*(fui refazer o trajeto de alguma bala perdida ao sul do Equador)*

*assim, fiz o teu rosto com fios de cera  
e grãos de areia.*

*talvez, alguém reconheça nesse rosto,  
moldado também pelo vento,*

*o desespero de um momento —  
o desamparo de mim.*

*acesas todas as tranças,  
prendi-as aos ombros,  
deixei-as dançar na ventania.  
a noite subia lenta. na terra de Palmares, nada mais ardia,  
além das velas na praia.  
escorreguei num barco sem sossego, apesar da noite  
exigir madressilvas e jasmims.  
(os corpos debruçaram-se sobre a folha e seu colo branco,  
navio de escravos em desterro).  
mas, essa noite, meu amor, eu não dormi  
apenas porque estou longe de ti*



## (FÚTIL)

*O teu retrato no jornal respira  
a impaciência do eterno sorriso.  
celulose, grafite, o teu rosto  
é uma versão cansada da alegria meticulosa*

*(concretude, abstração, onde está o teu gosto por goiabas?)*

*de que vale o mistério e seu riso  
se ainda pareces gozar a palavra silenciada,  
o sem-nada-a-mais-depois?*

## (JÓQUEI)

*Tão farta é a tua cabeleira iluminada  
aura branda, prestes a voar,  
após a fala que em todo teu  
corpo se adivinha*

*corpo sem desconforto,  
sem secura, rasga o vento,  
o dorso, a rota e  
seu flanco delicado.  
enquanto cavalgas Mil Desejos*

**(SUTIL)**

*Amordaçados, falaremos de amor com sutileza,  
como se o amor palpitasse no lado escuro  
do lago o seu princípio de delicadeza.*

*janelas escancaradas,  
voltaremos sobre as cantigas dos amantes,  
travessos como crianças e  
seus pés alados*

## (ASSIMETRIA)

*Entre nós e os outros  
nem paraíso, nem inferno.  
o que incomoda é um quadro fora  
de esquadro,  
a cor em fuga dos retratos,  
a promessa de beijo  
no bibelô acidentado*

*cheiro de perfume no frasco,  
poeira nos móveis,  
e o que mais valia  
é essa lembrança,  
a saltar da neblina*

## (DIAGONAL)

*São teus os gestos e os anéis  
as margens  
fração  
de*

*são teus os gestos diagonais  
afagos  
doces  
lá*

## **(PATER)**

*Viajarei, meu pai, até o pôr do Sol,  
quem sabe navegar pelo rio Solimões?*

*será outro país a visão da nascente,  
fim dos latifúndios e  
aldeias arruinadas.*

*só água e terra se contornam.  
só o tempo funde todos os elementos.  
só a humanidade consegue transtornar tudo:  
basta um instante.*

## ( PERIFERIA )

*As ruas cortam cidades.  
praças, santuários, becos e seus altares.  
jardins, andorinhas, calçadas e seus  
desenhos curvos  
fazem a diferença dos postais.*

*dispersa em sinais  
a beleza passa.  
sem alarde, longe dos museus*

*Antes dos astros moverem-se, qualquer direção,  
ou dos laços que nos unem rasgarem-se no tempo,  
anuncio aos múltiplos ventos:  
a semente enfim rompeu a terra oca*

*(mas é dessa rota a volúpia,  
mapa da febre obstinada)*

*foi do beijo elaborado o romper do véu,  
num rosto ou Lua crescente,  
onde vibra a sonolência do mundo*



## (PÁSSAROS)

*Foram os pássaros e seus olhos atentos  
as testemunhas de um beijo demorado  
até hoje acontecendo,  
às margens do rio*

*acordamos sob discretas mariposas,  
éramos, então, o início da paisagem*

*(não ainda fábulas, histórias de silêncios)*

*éramos sinais, partículas,  
quando ouvimos a palavra soletrada  
— amor —  
e seus tremores despertados*

## (VIAGEM)

*É o templo onde confesso  
vilezas lembradas em palácios vazios  
de reis ou grandes objetos.*

*(a quem pertence o efêmero? a quem pertence a herança ou  
dívida do ócio?)*

*nesse templo o entre  
é-o-lugar-onde o  
precário permanece*

*entre viagens, imaginárias ou não,  
poetas inventam palavras.  
— mundos para habitar.  
o que é uma outra forma de fazer  
as águas nascerem*

*O teu corpo é um Deus conquistado  
quando, lá fora, o Sol contorna  
em tua pele os frágeis ramos de  
uma avenca*

*tens um corpo vegetal,  
uma folhagem e seus avessos,  
bocas de luz, fora dos eixos,  
entre os seixos  
numa tarde e sua claridade*

*vejo-te, meu amado, debruçarem-se sobre ti  
todas as eras e as sementes.  
fiquemos quietos, tudo é nítido na hora desdobrada.  
estamos vivos e respiramos num  
álbum de retratos*

*: infância em relevos,  
tênuas saliências,  
morros, planícies, vales,  
rios, afluentes,  
criteriosamente apresentados  
sem a luxúria do século dezesseis*

*atlas são poemas de meninos,  
não nascem do céu  
mas da terra adivinhada, lá,  
onde nossos ombros cansados  
podem servir de guia.*

*Atlas permanece no tempo,  
pleno de viagens,  
feito da matéria dos sonhos  
— pele, músculos e sangue —  
nega-se a espelhar do mundo  
o fardo volume*

## (COLO DE PLUMAS)

*Hoje, adormeci adversários  
mas minha cama permanece  
um colo sem plumas.*

*rezo por uma noite em  
que se cumpra a profecia:  
multiplicar os beijos e os peixes,  
os pães e nossos afagos,  
povoar o deserto de águas  
com seus oásis e guias*

*(a chuva cai, repentina, em cortes finos.  
Lembra o teu corpo e o quanto é nítida  
essa descoberta: a tua alma dança)*

## (SINAIS DE PASSAGEM)

*Antes da era de granizo chegar até nós,  
as palavras serão ditas, quem sabe possam  
reter a vida em folhas de celulose.  
como decifrar os sinais do labirinto?*

*vamos falar do exato lugar onde nossas  
mãos se deram, transformado em lago gélido,  
indiferente à súplica de nossos olhos,  
dispersos entre tantos sinais*

*vamos lembrar o verde das folhas,  
a terra úmida.  
éramos crianças e um inverno sem estação  
abrigava uma fera e já nos rondava.*

*entre rodas de cantiga, traziam os  
ventos uma morte antecipada  
oculta em sementes e suas cavidades.*

*espalhávamos segredos, alegria devagar,  
mansa e última: a lentidão de um inadequado dia.  
foram apagadas as rotas dos navegantes e sua*

*cobiça, a calma dos barcos e seus rastros  
de feridos.*

*o que restou do jardim é cinza de todos os lugares,  
praga de algum adivinho ao som de sinos.  
ficou sobre os telhados essa cor escorrendo,  
telhas incendiadas nesse ruir das torres.*

*apagados os vestígios do dia, do Sol, da chuva,  
aconteceram as bruscas tempestades.  
nada restou ou poderá restar  
nesses trópicos, sob uma Lua recuada.*

*a raiz das águas, fontes, poços com seus  
segredos, peixes e pássaros congelados,  
mortos como se fossem parte  
dessa humanidade displicente.*

*os seres de uma insuspeitável ternura,  
bois com seus olhos cerrados,  
estarão como nossos sonhos  
para sempre dormindo.*

*a nuvem atômica ou rede sobre nós foi lançada:  
depois do acontecido nada mais vivo pulsava.*

*sob um céu sem cores, uma luz de fogo iluminava  
insetos e suas lendas.*

*nunca mais os charcos e sua beleza estranha,  
acordamos para a morte num mundo sem diferenças.  
o fácil presságio esparramou-se por toda a parte,  
artefato por gentes elaborado, indiferentes às crianças e suas  
mãos delicadas*

*hoje, somos lendas, eventos fantásticos e suas iluminuras:  
foices, fogo, cabeças suspensas, corpos mutilados ou  
fogueiras sem sumários julgamentos.*

*na desértica paisagem já não mais se vêem  
a influência dos astros e suas rotas lentas:  
só resta a miragem da insensata experiência.*



# 3

## *Os vestígios de tudo*

## (HÁBITOS)

*Confundo teus passos com o cair das águas.  
na cidade, hábitos e ruídos se misturam,  
os sons urbanos prometem a doçura que invento.*

*assim corre a noite, em sua carruagem de melancolia.  
na penumbra, esgrimistas invisíveis nos afastam.*

*volto a olhar o copo:  
uma flor, com suas pétalas de vidro,  
banhada em um líquido verde,  
desenha a tua ausência mais-insuportável-ainda*

## ( É TODO RIO UM CURSO )

*É todo rio um curso de sonhos  
palavras de nômades e meninos.*

*é toda sombra um lugar crescendo,  
quando, desperta a luz de prata,  
ilumina folhas de eucalipto.*

*é todo rio um destino de folhas,  
árvores com seus frutos inclinados sobre o leito  
deixam-se levar nesse berço lento.*

*é todo rio um caminho de peixes,  
com seus olhos que guardam o tempo:*

*lá, entre esferas e compassos,  
floresce a vida com sua flor cálida.  
num pântano frio, com sua cor de íris,  
reluz a flor e resiste ao vento  
frágil cálice e seus segredos  
(só enganam os adivinhos os próprios pensamentos)*

## (MINUCIOSAS PAISAGENS)

*Cantam as cigarras, em coro, uma música ascendente,  
árvores agitam folhas numa penumbra-quase.  
a magia dessa hora é um corpo e seu volume,  
dispersos em folhas e seus amarelos variados  
sobre o chão do jardim público*

*vultos anônimos pisam a renda preciosa,  
esparramando-se num círculo e sua luz.  
ouvem-se cigarras, mas ninguém se inclina.  
não há silêncio mais demorado quanto as sirenes  
e seu desespero breve.*

*(a cidade não percebe a pulsação desse lugar velado  
apenas por uma Lua)  
: as vozes continuam, mesmo que não surjam os anjos,  
com seus vultos cansados, sob essa luz coada  
em ramos de oiti*

## (HORAS)

*A precisão das horas com suas faces divididas,  
numa cidade quente, onde o acaso  
entorna-se numa aurora de fugas.*

*surge, então, o  
vulto de uma estrela  
cercado por um tapete de azul e suas sombras.*

*na cidade, os pés tocam cimento,  
repartem a cor em cinzas mornas,  
enquanto o chão e seu opaco espelho  
vestem de púrpura a paisagem e seu dentro.*

*apenas a aura da manhã atea fogo às tochas,  
num tempo de rotas exatas  
perderam-se todos os mapas*

## (DESATANDO NÓS)

*Já se desfez a tua voz em maresia,  
ávida de sede tornou-se boca,  
por onde passam ácidas palavras  
de adeus e memória quase fria*

*de tão longe ouço a tua ausência,  
resina de corte-ainda, quando o  
teu rosto e os bronzes  
caem a minha frente:  
não restou nenhum riso,  
apenas avisos,  
banhados em sal  
encostados ao navio-sempre*

## ( ERA UMA OUTRA VEZ )

*No tempo em que os tapetes teciam  
suas próprias manchas, com seus  
dedos de areia,  
os corpos com suas marcas,  
os rostos com suas tábuas,  
sinais de dores e seus abraços,  
faziam alturas para as asas  
mas não eram os anjos,  
e sim os nossos pecados  
que voavam para o longe*

*voltavam outra vez,  
com suas tramas tecidas,  
traziam os corpos sem marcas,  
os rostos indecifráveis.  
e tudo era outra vez,  
as dores com seus abraços,  
o amor com suas facas,  
a noite,  
o dia,  
outra vez*

## ( OS DIAS E SEUS TRABALHOS )

*A mutação dos dias trouxe-me  
outros braços,  
o ébano e sua luz de bronze.  
outra vez a doçura  
com sua muda demolição dos muros*

*a mutação dos dias trouxe-me  
a paz e seus abraços,  
esse frescor de acenos  
banhados em vinho suave:  
a idade de ouro  
trouxe-me os  
dias e seus trabalhos*



## (A INSÔNIA E SUAS PARTES)

*A insônia remexe as nossas obscuras partes,  
as que não vemos sequer com a luz do dia,  
faz a noite crescer em dunas e céus cobertos,  
refaz bocas e sua estranha anatomia  
num teto repleto de rachaduras*

*mas o sono não veio, a noite cresce,  
boca voluptuosa nada exclui,  
tudo é devorado, enfim,  
quando vem o sonho  
com seus olhos abertos vertendo água*

*As palavras ditas por nossos pais  
estão no limo, nos gestos  
tão iguais:  
é não ou sim,  
apenas uma vez,  
talvez,  
a cor  
do sorriso e*

*o corte,  
a brisa e seus rostos em espumas,  
tão parecidos com antigos ais*

## (QUANDO ONFALE PENSA EM STO. AGOSTINHO)

*De mim mesma fico distraída,  
cai uma folha e  
seu vôo manso.*

*saio de mim, sem ruído,  
com um desejo brando,  
de perder minha face num  
objeto.*

*sem contato,  
viro pedra de uma ponte e seu fim,  
corro sobre os rastros,  
mas não há volta,  
não há centro,  
no umbigo  
do mundo com sua sede de sim*

## (CORAIS)

*O porto ancora a noite a caminho do mar.  
navios com sua corte de ondas,  
garrafas quebradas,  
corais e seus labirintos.*

*âncora sem cordas lembram espinhos,  
ai das mãos, dos dedos ágeis  
enganados pelas águas e seu hálito de vinho.*

*nos corais,  
eixo, vidro,  
transparência do mundo  
e suas esferas contidas  
num retângulo*

## (SOL NO DOMINGO)

*A tua boca aberta deixa sair um gemido,  
rugido cravado, Sol no domingo,  
mostra a dança do teu corpo,  
ah, se Mozart o visse,  
sobre o leito claro,  
teu vulto de cor e luz,  
com seu cortejo perfumado*

## (VISÕES)

*Atrás da porta corria um feixe de trigo.  
um homem olhava a criança e sua flor:*

*com a mão direita eu arranco,  
com a esquerda eu planto,  
com os pés espalho a terra  
e suas sementes de sonho.  
(mas nada amenizava a sua dor)*

*sentado na escada, o homem engole a fumaça alheia,  
corre a vista pelo largo, engole a lágrima e não vê  
a criança, nem o que ela plantava*

## (ÁLBUM)

*Primos, tias, avós e  
seus netos tão amados,  
o casal de namorados tão junto  
contra a parede ao fundo:  
feliz com a vida*

*a delicada mão corta o bolo,  
a mancha rosada na toalha,  
um olhar fugaz,  
o gesto não se distingue  
imóvel, suspenso no tempo*

## (UM QUINTAL TRAZ CRIANÇAS)

*Um quintal traz crianças em suas folhas verdes,  
nem o risco de veneno no poço aberto  
afasta seus risos frágeis como gesso.*

*um quintal traz crianças,  
com seus corações antigos,  
espalham nas paredes dos quartos  
lembranças em molduras de vidro.*

*entre tantos retratos, a parede nua  
ri do acaso com leves tremuras.  
mas no quintal há crianças  
deitadas na grama,  
comendo romã*



## (PÁSCOA)

*Os livros dizem algo sobre Estrelas,  
ao som de sinos nesse roçar de séculos.  
ah, palavras que nos guiam,  
num mundo de espanto  
surge o livro  
e sua face lisa.*

*assim, decifro a flor de pedra e seu perfil de peixe,  
às margens do rio, tatuagem de orvalho,  
templo de espera e seus radicais*

## (AFAGOS)

*Eu queria que o meu corpo fosse areia  
e o teu corpo uma onda, continuamente cheia.  
nessa troca de carícias, mornas, densas,  
dança marítima a dissolver em mim o gosto do teu sal,*

*iríamos debruçar um sobre o outro  
afagos lentos, bruscos, macios,  
folgados de rasgos e cacos de vidro  
no mesmo coito abismal.*

*com teus dedos de água, afagarias minhas entranhas  
(afogueadas de madressilvas)*

*eu, em grãos, dispersa e única,  
como um bêbado no cais, te envolveria tanto,  
que levarias, na tua espuma branca,  
minúsculos poros dos meus seios de cristal*

## (VESTÍGIOS DE TUDO)

*Após noites de ressacas  
iluminou-se um litoral de restos.  
um mar cinza trouxe os resíduos de tudo:*

*sandália, cordas, brinquedos quebrados,  
esqueleto de guarda-chuva.*

*da praia, miramos os restos  
que sempre nos são devolvidos,  
nós, donos de resíduos,  
com seus tesouros sem caixas,  
e seus deuses desnudos,  
olhamos desamparados  
a vasta riqueza do mundo*

## ( GERAÇÕES )

*Passou um navio imenso diante de olhos atentos.  
conversas amenas calaram-se, tamanha grandeza.  
(brilhou o dia mais forte)*

*num navio imenso, cor de nuvem sobre as águas,  
via-se a beleza movida na superfície das coisas.*

*mãe e filha, de longe, pensaram setas, sorrindo,  
imaginaram os quartos e degraus do navio,  
numa manhã sossegada em sua paciência.*

*— para onde poderia ir tal beleza movente?  
a mulher, sem olhar para a filha, disse não querer ir  
para aonde ia o navio, com aquela torre suspensa  
rodeada de pássaros sem ninho.  
(as dobras do tempo esconderam do mundo seus intervalos lentos)*

*passou um navio e dentro  
seguiam secretos nomes  
com sua potência de tudo:  
faltou apenas a palavra acesa*

## (TEORIA)

— É fácil falar, dizem os que se calam.  
— É fácil amar, dizem antigos amantes.  
mas tudo é polpa, sumo,  
partes de tudo  
quando as pontes  
se fazem sobre abismos

## (BANHO)

*O mar passou por essa varanda, há pouco,  
envolto em hálitos e aromas  
viraste espelho do dia,  
apenas  
ondulações.*

*firme, ali defronte,  
o mar batia nas pedras o seu rugido de fontes.  
molhava-te a pele,  
chuva em altas colinas,  
água vertida em lâminas:  
o refazer dos mitos*

## (ATUALIDADES)

*Os ministérios derrubam ilustres servos.  
(peças de dominó espalhadas sobre um tabuleiro de xadrez)  
caem, um por um, os servos e levam os outros,  
todos deixam cair a máscara  
de donos célebres,  
riscos de tinta  
num tabuleiro incompleto.*

*— falta o rei, falta a rainha,  
com sua corte faminta,  
falta o peão,  
não há mais torres,  
falta a mão  
e o mover das pedras*

## (BRINDE)

*Chegada a hora do acerto,  
calou-se a voz e suas intermitências*

*os dias, conversas, murmúrios,  
frases gravadas  
entre portas, gelosias,  
entre muros e uma variedade de freios,  
nada dizia respeito  
a esses furtos pequenos*

*tudo é menos  
o arder das horas,  
o tinir dos copos, as mãos suspensas,  
bebemos ao entre-lugar,  
ao entre-dito,  
aos malditos  
que nos decifraram,  
enquanto a noite  
rolava sobre  
espirais de silêncio*



## (AMIZADES)

*Amizades guardam conchas num leque de sombras,  
quando brilham nos gestos  
as mesmas fontes.*

*amizades pedem calma e rebeldia,  
com uma folha branca armando os cúmplices de nossos dias.*

*bruscamente, amizades se apagam,  
acesas as mágoas e sua carruagem de feridos.  
tudo passa, em gotas pequenas,  
as amizades riem das contrariedades  
e negam às águas o seu lado profundo.  
ateiam fogo às cartas,  
escrevem outras,  
ironia — usam tinta de limão.  
escrevem na folha a verdade  
só vista à luz de velas.  
sem livros emprestados,  
as amizades escassas falam poucas palavras,  
o silêncio aquece as conversas,  
crentes do mesmo dizem sim*

## (NOTÍVAGOS)

*Na esquina, um sonâmbulo encontra o rumo  
para uma noite de tédio.  
sair, sem saber para onde,  
levando apenas a  
frente e seus sopros*

*nada na rua é horizonte,  
tudo se alcança,  
tudo basta.  
a rua abre-se em segredos  
ao que dorme tão profundamente,  
seguindo os passos dos sonhos  
e seus olhos cegos*